



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Núcleo de Desenvolvimento Infantil
Curso de Especialização em Educação Infantil
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476
e-mail: especializacao.ufsc.ndi@gmail.com - Fone 3721-8921

Betânia Cunico

A INSERÇÃO/ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NO BERÇÁRIO

Florianópolis

2012

Betânia Cunico

A INSERÇÃO/ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NO BERÇÁRIO

Artigo submetido ao Curso de Especialização em Educação Infantil para a obtenção do Grau de Especialista em Educação Infantil. Orientador: Prof. Ms. Erone Hemann Lanes – Secretaria Municipal de Educação de Chapecó.

Florianópolis

2012

Betânia Cunico

A INSERÇÃO/ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NO BERÇÁRIO

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, 14 de abril de 2012.

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp
Coordenadora Geral do CEEI

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Erone Hemann Lanes
Orientador

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp
Primeiro membro

Prof. Dra. Zenilde Durli
Segundo membro

A INSERÇÃO/ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS NO BERÇÁRIO

Betânia Cunico*

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a inserção/adaptação das crianças no berçário, trazendo as contribuições de diversos autores que abordam o tema e as considerações observadas na instituição de Educação Infantil em que se encontravam crianças em período de adaptação. Destaca, também, o papel que o professor exerce neste processo, bem como os fatores que podem auxiliar e/ou dificultar a inserção/adaptação. Ao ingressarem pela primeira vez em um Centro de Educação Infantil, as crianças passam por um momento marcante em suas vidas. Nesse sentido, é fundamental que esse ingresso seja pensado e planejado, tanto pelas famílias quanto pelo Centro de Educação Infantil e professores. Todos precisam estar engajados, articulados, no intuito de tornar esse processo o mais tranquilo possível.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criança. Berçário. Inserção/adaptação.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um requisito para a conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina. As reflexões apresentadas são resultados da experiência de trabalho como professora de berçário em anos anteriores, dos conhecimentos apreendidos como pós-graduanda desta Instituição e do Projeto de Observação Pedagógica (POP) desenvolvido no decorrer deste curso.

Este trabalho tem o objetivo de verificar como o processo de inserção/adaptação das crianças no berçário ocorre na prática, observando qual o papel do professor e quais fatores podem auxiliar e/ou prejudicar este processo de inserção/adaptação, bem como pesquisar quais as contribuições que os autores trazem para esse assunto.

Como professora por contrato temporário (ACT) do município de Chapecó, teve-se a oportunidade de trabalhar três anos com turmas de berçário em diferentes locais. Com essa

* Professora, Pedagoga, com Habilitação em Educação Infantil. E-mail: betacunico@yahoo.com.br; Professora Orientadora Ms. Erone Hemann Lanes, Secretaria Municipal de Educação de Chapecó; eronehl@gmail.com

vivência, pôde-se constatar que o período de inserção/adaptação é um tanto difícil para as pessoas envolvidas, principalmente às crianças. Essa dificuldade pôde ser presenciada nas três turmas trabalhadas, o que despertou o interesse e a necessidade em conhecer alternativas que auxiliem e/ou facilitem o processo de inserção/adaptação, tornando-o mais tranquilo para as crianças e demais pessoas envolvidas.

Nesse sentido, nota-se que o período de inserção/adaptação precisa ser pensado e planejado, para que se respeitem as especificidades, necessidades e os direitos (direito ao conhecimento, à expressão, ao movimento, etc.) das crianças. Entretanto, como fazê-lo? Quais estratégias adotar? Como proceder?

Diante dessas inquietações buscou-se por intermédio da observação pedagógica conhecer melhor e, conseqüentemente, apreender novos conhecimentos sobre a temática da inserção/adaptação, que foi realizada em um Centro de Educação Infantil do município de Chapecó, SC, na turma do berçário com vinte crianças, com idades de quatro meses a dois anos; destes, seis se encontravam em período de inserção/adaptação. A entrada de novas crianças no mês de setembro ocorreu em razão do remanejamento das crianças maiores de dois anos para as turmas de maternais.

A observação aconteceu por um período de duas semanas, totalizando 40 horas, e as informações coletadas foram organizadas de forma escrita em um diário de bordo. O Centro de Educação Infantil Municipal observado localiza-se na cidade de Chapecó, SC, atende 130 crianças, distribuídas em um berçário com crianças em período integral, matutino e vespertino, três maternais integrais, um maternal matutino e um maternal vespertino.

O estabelecimento contempla uma infraestrutura composta por: uma secretaria, uma sala de professores, cinco salas de aula, um refeitório, uma cozinha com despensa, uma lavanderia, um depósito, dois banheiros infantis, um banheiro adulto, um solário coberto, amplo parque infantil, ampla caixa de areia, pátio com grama e local para estacionamento. Constatou-se que as salas de aula são pequenas e a sala do berçário pode ser considerada um pouco maior que as outras. Esta sala foi adaptada para atender a essa faixa etária. Não possui uma porta de acesso direto para o solário sendo necessário passar por outra sala de aula para chegar até esse espaço, dificultando, dessa forma, o acesso.

A questão da infraestrutura também é um fator que tanto pode colaborar quanto dificultar o processo de inserção/adaptação das crianças à instituição. Colabora quando proporciona condições ideais, com espaços amplos, acessíveis, arejados, com diversos materiais. Dificulta a inserção/adaptação quando a estrutura física é precária, improvisada, com pouco espaço, ventilação e materiais.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, o objetivo maior do CEIM é o de garantir uma Educação Infantil de qualidade, respeitando os direitos das crianças, propiciando condições para que se desenvolvam de maneira integral, valorizando os aspectos físico, psicológico e social, em um ambiente significativo e agradável, que articule o cuidar e o educar por meio da ação planejada para a infância.

Com os estudos realizados no decorrer do curso de pós-graduação, entende-se que a educação infantil é um local privilegiado da infância nos dias de hoje. Nesse sentido, a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) expressa que as Instituições de Educação Infantil se configuram em um espaço e um tempo com características próprias, um local de produção de conhecimento e de cultura do grupo que nela se encontra.

2 ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Pensar na criança que adentra ao CEIM, ainda muito pequena, remete-nos às discussões acerca do conceito de infância adotado pelas Instituições, professores, e pela própria sociedade em que esta se encontra inserida. Discussões retratadas em estudos teóricos (MELLO, 2007; KRAMER, 1992; KUHLMANN JÚNIOR, 1991) e documentos oficiais produzidos na área.

Tais discussões esclarecem que, ao nascer, a criança é automaticamente inserida em determinada sociedade e, nela inserida, desenvolve-se, apropria-se da cultura ao mesmo tempo que estabelece relações sociais; ou seja, “[...] vai se apropriando da experiência humana criada e acumulada ao longo da história da sociedade [...]” (MELLO, 2007, p. 88).

A criança, nesse processo, passa a ser considerada como um sujeito social e histórico de pouca idade, cidadão de direitos, desenvolvendo papel fundamental nas relações travadas em sociedade.

Confirmando essa visão, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 21) coloca que:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca [...]

Diante disso as crianças de berçário possuem características, especificidades, particularidades e necessidades que lhes são peculiares e diferenciadas de outros períodos; assim, ao ingressarem pela primeira vez em um Centro de Educação Infantil encontram

espaços, pessoas e objetos diferentes do seu cotidiano, sendo tudo novo e estranho para elas, o que, naturalmente, causará reações diversas.

Por isso, esse período é acompanhado de diversos sentimentos e reações, como choro, insegurança, medo, isolamento, entre outros, tornando a inserção/adaptação, muitas vezes, difícil não somente para a criança, mas também para a família e professores, exigindo reorganizações e transformações para todos os envolvidos.

Ante as diversas manifestações que as crianças podem vir a apresentar no período de adaptação é necessário, de acordo com Rosseti-Ferreira (1998, p. 44), que se tenha sensibilidade, pois nos deixa mais atentos: “[...] É essa sensibilidade que pode facilitar ou dificultar as relações [...]”

Ainda, de acordo com a autora (ROSSETI-FERREIRA, 1998), essa sensibilidade pode facilitar o processo de inserção/adaptação quando as pessoas envolvidas se tornam mais flexíveis, mais abertas ao diálogo, com capacidade de refletir frente aos acontecimentos, porém pode também dificultar, quando a sensibilidade produz um nível elevado de nervosismo, tensão e ansiedade.

É fundamental que esse ingresso seja pensado e planejado não somente pelas famílias, mas, também, pelo Centro de Educação Infantil e professores; todos precisam estar engajados, articulados, a fim de tornar esse processo o mais tranquilo possível, facilitando a inserção/adaptação à instituição. Nesse sentido, Craidy (1998, p. 11-12) afirma que “[...] este novo espaço, diferente do ambiente doméstico, com uma rotina específica, com pessoas com as quais a criança nunca teve contato, deve ser sentido como prazeroso e não como algo ameaçador e desconfortável.”

Com o intuito de facilitar o processo, Rosseti-Ferreira (1998) descreve que oportunizar o acompanhamento da família nos primeiros dias da adaptação da criança, fortalece a relação de segurança, propicia também um maior conhecimento do espaço e do educador, bem como do trabalho que desenvolve com as crianças. Vale destacar, no entanto, que esse acompanhamento, segundo Rapoport (2008), precisa de cuidados, a fim de não refletir negativamente perante as crianças; dessa forma, os familiares precisam ser orientados sobre como proceder.

Na observação realizada na turma do berçário pôde-se presenciar a situação supradescrita. A mãe de uma criança em período de inserção/adaptação acompanhou seu filho ao chegar à sala, permanecendo certo tempo com ele, oferecendo-lhe os brinquedos da sala, buscando distraí-lo. Quando isso aconteceu, a mãe aproveitou para sair e ficou espiando pela janela.

Contudo, a professora relatou que: “A mãe demora pra se despedir dele, depois que sai da sala fica do lado de fora escutando pra ver se chora; até a gestora já conversou com ela sobre isso. Toda a família dele é assim.” (informação verbal).¹ Diante disso, constata-se que as famílias podem, de certa maneira, dificultar a inserção/adaptação, quando não transmitem para a criança segurança, confiança, tranquilidade, sentimentos necessários neste período.

Diante dessa situação, com o intuito de colaborar no processo, o CEIM pode estabelecer um constante diálogo com as famílias, a fim de informar, esclarecer e orientar sobre como agir no processo de inserção/adaptação das crianças. Entre estas, sair sem se despedir é uma das atitudes que devem ser evitadas por parte da família no momento em que deixam a criança na sala. Craidy (1998) destaca que a criança precisa ser informada para onde seu familiar está indo e que voltará para buscá-la mais tarde.

Nesse contexto, Rosseti-Ferreira (1998, p. 46), também ressalta a necessidade de informar à criança que seu familiar se ausentará, pois “[...] é preferível que a criança veja e saiba que estão saindo, que expresse sua tristeza ou raiva e que seja consolada. Com o tempo, ela vai perceber que voltam todos os dias para buscá-la.” Verifica-se, portanto, a importância de os familiares não saírem escondidos das crianças e sim de esclarecer a elas que vão, porém voltam.

Da mesma maneira, com o intuito de manter um relacionamento de confiança entre todos, Craidy (1998) ressalta a respeito da importância de sempre informar às famílias como as crianças passaram o período no CEIM, bem como o trabalho realizado com elas. Tal situação pôde ser constatada na turma observada, pois a professora manteve um constante diálogo com os familiares das crianças que se encontravam em período de inserção/adaptação, sempre informando como haviam passado o dia, suas reações e manifestações. Este diálogo, na maioria das vezes, ocorreu quando os familiares buscavam as crianças. Tais momentos estreitam a relação entre o CEIM e família, uma vez que sentimentos de segurança e confiança são repassados nestas conversas, o que vem a refletir nas crianças, auxiliando-as, assim, no processo de inserção/adaptação.

Outra estratégia necessária e fundamental para facilitar a inserção/adaptação é pensar e organizar a permanência das crianças na instituição. Craidy (1998) sugere que nos primeiros dias estas permaneçam apenas algumas horas no espaço e, aos poucos, à medida que se acostumam ao novo ambiente, seja aumentada a sua permanência de forma gradativa, até que permaneça em período integral.

Corroborando, Rapoport (2008, p. 14) recomenda que nos primeiros dias seja organizado um horário de permanência reduzido no espaço, geralmente, segundo a autora,

“[...] inicia-se com um período de duas horas por alguns dias [...] aumentando gradativamente [...]”

Sugere-se que esse ingresso aconteça de forma bem gradual, por exemplo, o primeiro dia seria dedicado ao conhecimento da sala, dos colegas e das professoras, sempre com o acompanhamento de algum familiar, organizando as crianças em quatro pequenos grupos, dois no período matutino, no horário das 8h às 9h e das 10h às 11h; e dois no período vespertino, das 13h às 14h e das 15h às 16h, o que ocasionaria um primeiro contato do professor com as crianças bem tranquilo. O professor poderá oferecer a necessária atenção às crianças nesse primeiro momento, possibilitando maior contato, carinho, socialização, construção de vínculo afetivo. Poderá, também, ter uma conversa mais detalhada com cada familiar, no intuito de conhecer melhor a criança que está chegando ao CEIM, realizando combinados, explicando um pouco do trabalho que será desenvolvido na instituição, realizando a anamnese, obtendo várias informações sobre todas as crianças.

Nesse sentido, objetivando facilitar o processo, Rapoport (2008) justifica que é muito importante no período de adaptação, que algum familiar acompanhe a criança, a fim de oferecer apoio e segurança nesse novo momento de sua vida, pois acompanhando o período de adaptação, as famílias podem passar para as crianças segurança, confiança, tranquilidade. Também é uma oportunidade de conhecer melhor um pouco do trabalho desenvolvido no Centro de Educação Infantil.

No segundo dia poderiam ser formados dois grupos, os do horário matutino, das 8h às 9h15min e os do horário vespertino, das 13h às 14h15min, ampliando aos poucos o contato entre os colegas, combinando com os familiares que aguardem a entrega das crianças em outro espaço do CEIM, e, quando necessário, seria solicitada sua presença na sala. No terceiro dia poderiam ser unidos todos os grupos no período matutino, no horário das 8h às 9h30min e nos demais dias ir aumentando a permanência meia hora diariamente, sempre observando as manifestações, reações e necessidades de cada criança, até que permaneçam em período normal, independente do número de dias que for necessário manter o horário reduzido para que a inserção/adaptação aconteça da melhor maneira possível.

Ante essas colocações constatou-se que as crianças em inserção/adaptação na turma observada permaneciam no espaço em horário reduzido nos primeiros dias, estendendo-se por até uma semana, depois já permaneciam no CEIM em horário normal. Entretanto, percebeu-se que, em alguns casos, em razão das manifestações e reações das crianças havia a necessidade de se estender e retomar esse período.

Uma das crianças que ainda apresentava bastante choro e dificuldade para se alimentar, demonstrando necessitar de um período maior de inserção/adaptação, com horário de permanência reduzido, já no sexto dia de frequência teve de permanecer em período normal, em razão de a mãe retornar ao trabalho. Diante dessa constatação seria importante continuar o processo de inserção/adaptação, com permanência em período reduzido; como a mãe estaria impossibilitada de realizá-lo devido ao trabalho, outro familiar poderia ter continuado o processo.

Cada criança é única, possui sua singularidade, especificidades e necessidades próprias, de acordo com sua fase de desenvolvimento. Seu modo de ser e de reagir diante de determinadas situações pode variar de criança para criança. Portanto, cada uma apresentará um tipo de manifestação diante do período de inserção/adaptação.

As crianças, sobretudo as pequenas, têm poucos recursos para se expressar, visto ainda não se comunicarem verbalmente. Assim, manifestam seus sentimentos através do corpo. Durante o processo de adaptação à creche, elas vivenciam momentos de separação, insegurança e outros sentimentos que, nessa situação, podem desencadear diversos tipos de comportamentos. Ela estará expressando suas dificuldades e buscando o auxílio e cuidado do adulto. (ROSSETI-FERREIRA, 1998, p. 46).

Diante dessas considerações, Craidy (1998, p. 12) destaca que o período de adaptação não tem dia marcado para acabar, deve acontecer sem pressa e de forma gradual, dependerá do ritmo de cada criança. Ressalta, também, que “[...] devemos respeitá-las em suas manifestações de medo e ansiedade, e não simplesmente nos referirmos a ela como ‘chorona’, ‘manhosa’, etc [...]”

Frente a essa colocação pode-se presenciar que a professora da turma, por vezes, realizou intervenção com as crianças que retratavam o exemplo acima citado, quando relata: “Agora você vai ficar no bebê conforto se não, no colo, se enche de barda.” (informação verbal).² Em outra situação, uma criança que se encontrava em período de inserção/adaptação apresentou bastante choro e toda vez que ganhava colo se acalmava; a professora intercalava momentos em que deixava a criança no bebê conforto, no balanço e, ainda, chorar um pouco, conversando com ela, buscando a redução do choro e a sua compreensão: “Que é isso Samuel, fazendo denginho pra profe!” (informação verbal).³ Nesse sentido, Rapoport (2008, p. 90) argumenta que no período de adaptação:

Cada bebê e criança pequena apresentarão uma reação específica em relação às diversas situações potencialmente estressantes que encontrará durante sua adaptação à creche, utilizando-se de estratégias específicas para enfrentar estas situações [...]

Assim Rossetti-Ferreira (1998, p. 44) destaca que o período de adaptação é um tanto especial, todos os envolvidos desejam que este ocorra da melhor maneira possível: “[...] para cada criança e cada família esse processo ocorre de um jeito ligeiramente diferente e, em parte, imprevisível.” As pessoas envolvidas, especialmente os adultos, devem respeitar e compreender o momento de cada criança, sem realizar pressões e cobranças, a fim de que ela se adapte logo à instituição.

Para Rapoport (2008) fatores, como faltas frequentes às segundas-feiras ou feriados prolongados, o período pós-férias, períodos que as crianças se ausentam por doença ou viagem, entre outras situações, são momentos que podem desencadear retrocessos na adaptação. Nesse sentido, durante a observação ocorreu que os familiares de uma criança que se encontrava em período de inserção/adaptação avisaram que ela estava com problemas de saúde e que ficaria afastada por alguns dias. Tal fato poderia dificultar na sua inserção/adaptação, prolongando, provavelmente, o processo, pois essa criança não retornou ao CEIM até o final da observação.

Outra situação presenciada foi o retorno de um menino afastado há quase dois meses também por motivos de saúde. Ele apresentou bastante choro ao retornar ao CEIM, solicitava a mãe constantemente. Nestes momentos, a professora conversava com ele dizendo: “Não precisa chorar, a mamãe já vem te buscar, vamos brincar, olha que brinquedo legal que tem aqui na sala, pega um pra você, vem brincar com os teus colegas!” (informação verbal).⁴ Segundo a professora, “[...] ele fica muito tempo sem vir para o CEIM, aí quando vem chora desse jeito. Ele fica bastante doente, por isso que falta.” (informação verbal).⁵ Diante dessas manifestações apresentadas pela criança, com o intuito de facilitar o seu regresso ao CEIM seria necessário que os primeiros dias de frequência fossem organizados com horários de permanência reduzidos.

São fatos que causam retrocesso na inserção/adaptação, pois quando retornam, as crianças apresentam as mesmas manifestações do primeiro contato com a instituição. Seria preciso reiniciar o processo, considerando novamente a necessidade de nos primeiros dias o período de frequência ocorrer em horário reduzido.

[...] a adaptação implica olhar às múltiplas perspectivas com que uma determinada situação é entendida/vivenciada. [...] A adaptação não representa um processo que se encerra, mas que permanece em transformação, a partir da sucessão de eventos, da aquisição de novas habilidades, da emergência de novos significados ou da co-construção e re-construção das relações entre as pessoas. (ROSSETI-FERREIRA, 1998, p. 155).

Rapoport (2008) salienta a importância da realização de atividades diferenciadas nessa fase inicial, uma vez que esse período necessita ser pensado e planejado. O professor pode buscar alternativas na sua ação pedagógica que colaborem na adaptação das crianças, com atividades lúdicas, envolvendo músicas, cantigas, histórias, brinquedos e brincadeiras variadas, exploração de espaços externos, reorganização das rotinas, quando necessário, a fim de amenizar a sensação de desconforto, insegurança, medo, causado pela experimentação dessa nova situação.

Algumas situações do dia a dia no CEIM podem gerar desconforto, estresse e ansiedade nas crianças, como exemplo à hora das refeições. Na observação verificou-se que as crianças apresentavam bastante choro nesses momentos; a professora organizava as crianças menores em pequenos grupos de, no máximo, duas crianças para alimentá-las, assim, não contemplava todas; algumas necessitavam esperar a vez para serem alimentadas, e, nessa espera, acabavam chorando. As crianças maiores aguardavam a ida ao refeitório até que as professoras alimentassem todos os menores, neste momento alguns continuavam brincando, outros também apresentavam o choro, pois ficavam observando os colegas. Nessas ocasiões, a professora conversava com as crianças que choravam, na tentativa de acalmá-las, falando: “A profe já vai dar comida pra vocês, não precisa chorar” (informação verbal).⁶ Diante dessa situação, que praticamente ocorreu na maioria dos dias da observação, seria necessária a adoção de outras estratégias no momento das refeições, com o intuito de amenizar o choro e o desconforto das crianças. Sugere-se que sejam organizados grupos maiores, como, por exemplo, quatro crianças para cada professora alimentar, contemplando, assim, praticamente quase todas as crianças menores.

Na observação do espaço da sala constatou-se que há poucos brinquedos disponíveis para as crianças; praticamente todos os dias estes se repetiam e permaneciam quase todo o período, havendo pouca troca, já outros presentes na sala não foram utilizados. Isso é um fator que pode dificultar a inserção/adaptação, pois os brinquedos acabam se tornando pouco atrativos e já não chamam tanto a atenção das crianças.

Uma alternativa diante dessa dificuldade, que muitas vezes nos deparamos nos espaços de Educação Infantil, é a confecção de brinquedos com materiais alternativos, como chocalhos, utilizando como base litros plásticos (PET) com sementes variadas (arroz, feijão, pipoca, lentilha, grão-de-bico, milho), com tinta colorida, com papel colorido, com EVA colorido, botões coloridos, entre outros. Ou, ainda, planejar momentos diferenciados, como ocorreu durante a observação realizada. A turma do maternal integral confeccionou um brinquedo com garrafas PET, contendo tinta colorida, água e *glitter*. Esta turma foi até a sala

do berçário, juntamente com as professoras, socializar o brinquedo. Ao chegarem interagiram com os menores, oferecendo as garrafas para que segurassem, as quais logo chamaram a atenção das crianças, que passaram a brincar, manusear, sacudir, rolar, segurar no colo para observar, demonstrando expressões de tranquilidade e interesse pela atividade. Algumas crianças que apresentavam o choro, aos poucos se acalmaram com a situação, outras interagiam com as crianças da outra turma, brincando junto (Registro no diário de bordo 22 de setembro de 2011).

Pode-se também buscar recursos em materiais baratos e de fácil aquisição, como balões coloridos, bolhas de sabão, bolas coloridas diversas, caixas de papelão com tamanhos variados, potes e bacias de diferentes tamanhos e formatos, confecção de fichas com gravuras diversas, entre outros.

No que se refere à prática pedagógica da professora observada, percebeu-se que a ela poderia tentar explorar mais a contação de histórias, pois no período que ocorreu a observação esse recurso foi pouco utilizado. Verificou-se que a instituição possui biblioteca com diversos livros, inclusive para essa faixa etária, com gravuras variadas, grandes e coloridas, possui também vários fantoches que poderiam ter sido utilizados. Acredita-se que a contação de histórias, contadas de diversas maneiras, ajuda na inserção/adaptação, pois são momentos que chamam a atenção, acalmam e envolvem as crianças.

Neste sentido, Oliveira (1992, p. 93) destaca que:

A narrativa de estória, em especial de livro de gravuras, constitui experiência primordial a ser constantemente garantida. A presença de bonecos, gravuras ampliadas ou fantoches sobre o tema narrado cria um clima de muita atenção e descoberta entre as crianças.

Os cantos e cantigas são recursos que também auxiliam no processo de inserção/adaptação. No período da observação presenciou-se a utilização de gravações para cantar com as crianças. Pode-se também intercalar esses momentos de cantos e cantigas cantando com a própria voz, fazendo gestos e expressões. Em muitos momentos observou-se que as crianças paravam de chorar pelo fato de escutarem as músicas do CD. Acredita-se que os cantos e cantigas precisam ser bastante explorados também no período de inserção, pois acalmam, confortam, chamam a atenção das crianças, além de ser um momento prazeroso, que colabora no processo. Frente a isso, Borges (1991, p. 26) ressalta que: “música é arte [...] seu papel na educação infantil é o de proporcionar um momento de prazer ao ouvir, cantar, tocar e inventar sons e ritmos.”

A dança também é um recurso que pode vir a colaborar na inserção/adaptação das crianças, pois na maioria das vezes proporciona alegria, descontração, interação. Assim, de acordo com Dantas (1999, p. 17), “[...] movimentos e gestos em dança permitem formular impressões, conceber e representar experiências, projetar valores, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções.”

Os espaços externos do CEIM são um recurso a mais para oferecer às crianças também no período de inserção/adaptação. O solário do berçário é um espaço alternativo, onde se pode proporcionar momentos de socialização, descontração e alegria para as crianças, contudo, apresenta dificuldades de acesso, pois a sala do berçário não possui uma porta que permita saída direta ao local, é necessário passar pela sala do maternal. Nos momentos em que as crianças foram ao espaço demonstraram gostar de brincar, pois possui um escorregador em formato de castelo e uma piscina de bolinhas. As crianças maiores que estavam em período de inserção/adaptação aos poucos iam se acalmando neste local, ficavam atentas, observando os colegas. A professora, na maioria das vezes, levou as crianças maiores para brincar no solário, já os menores ela orientava as agentes educativas⁷ para permanecerem na sala brincando com chocalhos, bichinhos de borracha e com os brinquedos diversos. Acredita-se que essa divisão decorre pelo espaço não ser tão amplo e pela dificuldade do acesso. Mas, mesmo assim, destaca-se a importância de intercalar entre os grupos a ida ao solário, para que todas as crianças usufruam este espaço.

Explorar espaços, como parque, caixa de areia e pátios também pode colaborar na inserção/adaptação das crianças. Segundo Hoffmann e Silva (2008, p. 17), “[...] é muito importante a troca de ambientes fechados por espaços abertos, favorecendo a descoberta de novos elementos.” O CEIM observado tem um amplo parque infantil, com brinquedos variados, sendo bem arborizado. Possui um pátio com grama que pode ser explorado e uma caixa de areia ampla, porém com pouca sombra. Um fator que dificultou o acesso nesses locais em alguns dias do período de observação foram as condições climáticas, certas manhãs era frio, noutras chuva. Para facilitar o acesso a esses locais, as crianças podem ser organizadas em grupos; os maiores podem frequentar o parque, a caixa de areia e/ou o pátio com grama; já os menores podem frequentar o solário, não impedindo que também explorem os outros locais. Isso propiciará momentos de interação, descontração, alegria, exploração e conhecimento de outros espaços.

Observou-se um constante diálogo da professora com as agentes educativas; a professora orientava sobre como proceder em determinadas situações do cotidiano, dialogavam sobre as crianças, trocando informações, percebeu-se uma boa convivência entre

todas. Eram carinhosas com as crianças e estas também demonstravam reciprocidade de afeto, solicitavam colo, sentavam do lado, brincavam juntas.

O professor precisa buscar inúmeros recursos pedagógicos que possam vir a facilitar a inserção/adaptação das crianças, e por intermédio deles tornar o espaço mais atrativo. Dessa forma poderá se aproximar e conhecer melhor as crianças com quem passará grande parte de seu tempo, estabelecendo uma relação de confiança, de acolhimento, de afetividade, buscando assim estreitar seu vínculo com elas.

Necessita ser um mediador das inúmeras situações que venham a ocorrer na sala, dedicando sua atenção e cuidados a todas as crianças, não apenas àquelas que apresentem o choro, respeitando seus sentimentos e a maneira de ser de cada uma.

De acordo com Hoffmann e Silva (2008, p. 13) deve-se, ainda, proporcionar à criança “[...] um ambiente livre de tensões, de pressões, de limites às suas manifestações, deixando-a expressar-se da maneira que lhe convém e buscando entender o significado de todas as suas ações.”

Nesse sentido, para Tristão (2012, p. 2), o professor precisa ter um olhar atento para cada criança com quem trabalha, a fim de perceber o que estas têm de especial. Assim poderá, segundo a autora:

[...] desenvolver uma prática pedagógica que respeite a criança como um ser completo, com muitas possibilidades que são apenas diferentes das nossas de adultos. [...] os bebês têm outras formas de comunicação e de expressão (olhares, toques, balbucios, choros, gargalhadas, sorrisos...), tão ou mais complexas que a fala e que dizem muito sobre cada uma deles, bastando que os adultos consigam percebê-las. Assim, é essencial que as profissionais que trabalham com bebês nas instituições de educação infantil alfabetizem-se na diferentes linguagens das crianças pequenas, buscando entendê-las e, de certo modo, ouvi-las [...] (TRISTÃO, 2012).

Diante de todos os apontamentos descritos neste artigo, entende-se que o período de inserção/adaptação é um momento marcante na vida das crianças, sendo importante e necessário que o professor possua o entendimento de como esse processo ocorre; assim, poderá adotar estratégias que possam facilitar esse ingresso.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo desse tema possibilitou melhor compreensão sobre como ocorre o período de inserção/adaptação das crianças no berçário. A literatura pesquisada propiciou maior embasamento de como proceder, quais estratégias adotar, além do reconhecimento dos fatores

que podem ou dificultar ou colaborar no processo, remetendo assim a uma reflexão da própria prática pedagógica exercida em anos anteriores em turmas de berçário.

Percebe-se que o processo de inserção/adaptação é um tema ainda pouco entendido, necessitando maior estudo e conhecimento, tanto por parte dos professores/CEIM quanto por parte das famílias. O que se percebe no dia a dia é que há uma pressa para que as crianças se insiram/adaptem logo à instituição, gerando assim, muitas vezes, a falta de compreensão e prioridade dos direitos, das necessidades, das manifestações, das reações que as crianças apresentam nesse período.

Nesse sentido, constata-se a necessidade de haver uma formação mais específica para os professores de berçário, que também aborde o tema da inserção/adaptação nestes estudos, pois como se verificou na instituição observada, e considerando minha própria experiência como professora ACT, as turmas de berçário geralmente não são preenchidas por professoras efetivas, restando a maioria destas para as professoras ACTs. Assim, para muitas dessas professoras é a primeira vez que trabalham com crianças dessa idade, e nessa nova experiência podem encontrar dificuldades e falta de um maior entendimento sobre como melhor proceder na inserção/adaptação das crianças, nas diversas situações que ocorrem na sala de aula e no trabalho pedagógico a ser desenvolvido no berçário.

Portanto, a partir da experiência adquirida com o trabalho em turmas de berçário, da observação da prática pedagógica desenvolvida no processo de inserção/adaptação, bem como do estudo dos textos de vários autores que abordam o tema, buscou-se uma reflexão e uma melhora da própria prática pedagógica, promovendo, desse modo, novos aprendizados e mudança de atitudes, que, posteriormente, poderão contribuir e facilitar ainda mais a inserção/adaptação das crianças e a ação pedagógica como um todo.

Notas explicativas

¹ Registrada no diário de bordo, no dia 8 de setembro de 2011.

² Registrada no diário de bordo, no dia 12 de setembro de 2011.

³ Registrada no diário de bordo, no dia 15 de setembro de 2011.

⁴ Registrada no diário de bordo, no dia 20 de setembro de 2011.

⁵ Registrada no diário de bordo, no dia 21 de setembro de 2011.

⁶ Registrada no diário de bordo, no dia 13 de setembro de 2011.

⁷ Terminologia utilizada pela Secretaria Municipal de Educação de Chapecó para designar as estagiárias que atuam nas turmas de Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998. 3 v.
- BORGES, T. M. M. **A criança em idade pré-escolar**. São Paulo: Royal, 1991.
- CRAIDY, Carmem Maria (Org.). **O educador de todos os dias**: convivendo com crianças de 0 a 6 anos. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- DANTAS, M. **Dança**: o enigma do movimento. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- HOFFMANN, Jussara; SILVA, Maria Beatriz G. da. **Ação educativa na creche**. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. São Paulo, Cortez, 1992.
- KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). **Caderno Pesquisa**, São Paulo, v. 78, p. 17-26, ago. 1991.
- MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis: Ed. da UFSC, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.
- OLIVEIRA, Zilma de M. et al. **Creches**: crianças, faz de conta e cia. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche**: a importância da atenção de pais e educadores. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.
- ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (Org.). **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1998.
- SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado de Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.
- TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês**: uma profissão marcada pela sutileza. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroiseis/article/view/9360/8612>>. Acesso em: 6 mar. 2012.